

especial Dia Mundial da Energia

[REPORTAGEM OS CASOS DA HOVIONE E MABERA]

“Só com o envolvimento de todos é que conseguimos baixar a agulha eléctrica”

A Hovione paga uma factura mensal de electricidade na ordem dos 80 mil euros. À qual quer reduzir 15% ainda este ano. A utilização eficiente das redes de ar comprimido é uma das metas em curso

Elisabete de Sá esa@mediafin.pt



Marta Poppe

-3%
Na factura

Com um investimento de 100 mil euros está a ser possível tornar o consumo de ar comprimido mais eficiente. A curto-prazo a poupança ascende a 42 mil euros.

Paulo Amor dos Santos | Dirige, desde Abril de 2004, a área de gestão de utilidades da Hovione.

Entra ar ambiente e sai ar comprimido. A fábrica da Hovione, em Loures, é um emaranhado de cilindros, condutas e dois quilómetros de tubagens nas quais é injectado e distribuído este ar transformado em fonte energética.

É a partir deste processo de compressão que se produz o azoto necessário à criação de atmosferas inertes que permitem manusear produtos inflamáveis em segurança. Mas nesta indústria de química farmacêutica, o ar comprimido serve também para partir (micronizar) as cadeias de cristais que compõe o princípio activo de um medicamento. E ainda para alimentar equipamentos, como pneumáticos e comandos de válvulas. Consomem-se 12 gigawatts/hora de

ar comprimido que permitem alimentar vendas anuais de químicos farmacêuticos na ordem dos 65 milhões de euros. Mas que pesam 15% na factura de electricidade da empresa que ao fim de um ano ascende a mais de um milhão de euros.

Com a criação da área de gestão de utilidades da Hovione, em 2004, a redução do consumo de electricidade para a produção de ar comprimido passou a estar na agenda de prioridades de Paulo Amor dos Santos, responsável pela eficiência energética da empresa, conhecido na Hovione por apagar qualquer luz injustificada por onde passa.

Desafio: conseguir uma utilização racional dos consumos de energia.

No caso do ar comprimido – “utili-

dade cara e pouco eficiente” – seguiu-se o investimento tecnológico necessário. Em Agosto de 2006, a rede de ar comprimido foi subdividida de forma a servir duas grandes famílias de utilizadores: a que consome ar comprimido a oito bares, outra que necessita de uma pressão de 12 bares. A divisão permitiu eliminar o desperdício das fases neutras, em que os compressores não produzem mas consumiam energia. A utilização mais eficiente dos compressores traduziu-se numa redução de 10% do consumo específico de ar comprimido, permitindo baixar em 1% a factura de electricidade. Com um investimento de 20 mil euros a Hovione conseguiu poupar 220 megawatts de energia ano. Ficaram em casa 12 mil contos.

A segunda fase tem implementação prevista para Agosto próximo, altura em que serão substituídos os actuais compressores por compressores de variação electrónica de velocidade, uma espécie de compressores inteligentes que não têm horas de vazio e utilizam motores eléctricos de eficiência 1. “Esta medida vai levar a uma redução imediata de 20% do consumo específico de ar comprimido” que passará a representar 12% da factura eléctrica da Hovione. Um investimento de 80 mil euros para uma poupança estimada de 350 megawatts ao ano que se. Ou seja, menos 28 a 30 mil euros na factura.

Mas não “faz sentido investir em boas práticas de engenharia sem haver uma consciência contra o des-

perdício. É preciso que as pessoas estejam connosco neste esforço porque eu sozinho não consigo baixar a agulha da electricidade”, diz. Assim, multiplicam-se na fábrica da Hovione acções de formação comportamental, de âmbito geral e associadas ao espaço de trabalho. “Surtiram efeito imediato e é essa alteração no comportamento das pessoas, e não a quantificação dos consumos, que me apaixona”, sublinha Amor para quem o consumo de energia é essencialmente uma forma de estar que começa nos mais pequenos gestos. Por isso, todos os dias às 13h30, é alertado por um lembrete no ecrã do computador para que não saia para almoço sem desligar o monitor e a luz.